

A irregularidade da clínica

Célio Garcia

Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

1 - A Irregularidade

No século XIX (precisamente, na época em que a Modernidade se impunha fazendo desaparecer a *experiência* susceptível de ser referência identificatória), a arte dos loucos, a arte das crianças, as artes ditas primitivas, eram reunidas num conjunto em que os críticos viam déficit e *maladresse* (1)

O conjunto formado por essa produção era avaliado de acordo com normas e cânones que deveriam nos fazer ter acesso ao belo através do julgamento estético universal, privilégio de quem havia passado pela *experiência* agora em fase de destituição.

O arcaico, o selvagem, o infantil, repentinos arroubos regressivos e/ou balbucios de um início por ser vivido eram considerados por uma Europa colonialista em oposição a evoluído, civilizado. Produções artísticas devidas a portadores de sofrimento mental nos levaram a reconhecer, por vezes, o gênio na loucura. Essa produção era encontrada não somente em hospitais e asilos, mas era devida a pessoas por vezes excêntricas e marginais, freqüentemente mal adaptadas à sociedade tal como ela era. Nas exposições do início do século XX, tal produção foi chamada *irregular*.

2 - A irregularidade do grafiteiro-pichador: o corpo de sua escrita

Situações traumáticas vividas por ele, tomado por um impulso que invade seu corpo, ele dá provas de elasticidade e agilidade insuspeitadas. Os rabiscos carregados, habitados por expressão plástica inusitada, inseparáveis de uma cena sem palavras, articulam grafias e ícones, com tendência a ocupar todo o espaço disponível, criando proliferação inconveniente.

Tal arte eu a colocaria do lado dos "irregulares" e nunca do lado das crianças ou dos primitivos, como havia pensado o crítico de arte diante das obras da arte chamada "irregular" no século XIX. Espontâneos e instintivos, lá estão os *irregulares* na periferia das grandes cidades, nos arrabaldes do planeta, freqüentemente ligados à

tradição oral, à música hip-hop ou rap, à dança. No caso do Brasil, encontro no ballet da capoeira de Angola a expressão plástica cuja partitura seriam os grossos riscos, traçados enfáticos, deixados nos muros, paredes, monumentos, cuja memória sem pensamento já não é reconhecida pelo jovem grafiteiro/pichador.

A abordagem aqui proposta, por enquanto denominada “arte irregular”, ao ser pensada, pode retirar o jovem de seu gueto, minoria, ou bando, como queiram chamar; retirar quer dizer lançá-lo em direção ao grande movimento de produção artística que vai pelo mundo afora. Até então eles eram e serão mantidos na periferia das cidades, mesmo freqüentando concursos ou cursos que viessem a regularizar a atividade de grafiteiro.

3 - Os irregulares: grafiteiro-pichador, construtor de barraco na favela, jovem infrator, catador de lixo, agente comunitário de saúde

São eles que dão testemunho da carência, ao mesmo tempo em que nos dizem como continuar. Como reconhecer criatividade e invenção, por exemplo, na construção de um barraco? A construção de um barraco na favela teria alguma coisa a nos ensinar? Pela sua simplicidade? Haveria uma estética do simples? Ou chegamos ao simples após elaboração científica?

De alguma maneira, abandonei essas questões e anotei:

1. Dissociar os usos e os termos que os sobrecarregam, até que uma janela e suas persianas voltem a ser uma abertura para o ar ou para a luz e sua ocultação. Ou uma fileira de colunas possa ser vista como um muro, ora aberto, ora descontínuo em certos lugares, assim também uma cerca, uma fileira de potes com plantinhas.

2. *Novos usos* de Agamben (2): objetos lançados pelo mercado podem nos servir para uso não previsto pelo mercado.

3. Os barracos certamente são construídos de acordo com as necessidades, mas nada impede que uma invariante de forma (inclinação do teto) faça surgir uma constante, isto é, a geometria se faz presente.

A anotação decisiva vem agora: o construtor de barraco, reunindo numa só figura a concepção, o desenho, seja ele precário ou sumário, a construção, finalmente, o

uso, tira a Arquitetura de um impasse a que se referem arquitetos entrevistados. Pois esses profissionais sofrem da segmentação da sua arte (estereotipada entre concepção, desenho à mão, desenho a três dimensões no computador, construção e usuário, cada operação a cargo de um especialista), a um ponto tal que alguns se voltam para experiências na favela.

Pude refletir com eles sobre a solução (dialética?) do impasse encontrado pelo construtor de barracos. (1)

Estamira, catadora de lixo — o resto, o fragmento, o refugio de que se apropriam os irregulares

Estamira, com quem fomos aprender os primeiros passos da presente reflexão, era catadora de lixo no aterro sanitário, de onde tirava seu sustento, onde encontrava seus companheiros e com eles praticava sua filosofia. Vamos refletir sobre essa face de Estamira.

Certa vez, dando supervisão para profissionais psi, em Unidade de reciclagem de material coletado na grande cidade, anotei:

Estamos comprometidos com uma maior eficiência (triagem e gestão do material coletado, a ser reciclado), mas não esquecemos a "coleta porta-a-porta" e com ela a flexibilidade, o informal, todos esses itens e aspectos da carência/precariedade definida como fonte de criatividade e invenção, cujo alcance nos remete, nem mais nem menos, aos problemas da humanidade neste século XXI.

A triagem feita já pelo catador que separava minimamente os objetos coletados necessariamente heteróclitos, alguns em fragmentos, outros estragados, outros em bom estado, prontos para serem reutilizados. Isso já nos oferecia uma visão trazida pelo catador após sua ronda pela cidade, enquanto ela, cidade grande, se representava como racionalmente ordenada, ordeira em seus passeios retilíneos, sua limpeza pública.

Consultei "Gestion des déchets et Education à l'environment", assim como documentação nacional. Depois li um pouco sobre a filosofia (como se diz!) (5) do material: lixo, resto, refugio, são noções a serem definidas nesse campo específico do saber com recortes tecnológicos, antropológicos, filosóficos.

4 - Atualidade da questão do resto, dejetos, objetos em desuso, refugo

O *resto*, o que é posto de lado, para ser esquecido, contém, por vezes, o sentido original, que, queiramos ou não, prolifera no mundo. De fato, a perda e suas diversas modalidades nos remetem à matéria, o material, sua capacidade de recuperação, volta ao ciclo natural das coisas.

O *lixo*, o que é rejeitado, parte ruim no produto tão bem embalado, antes consumido, agora motivo de nojo, de desprezo. Sabemos confusamente que o lixo pode se acumular, para isso criamos em português o termo *lixão*, na tentativa de isolá-lo no

aterro. Até chegar à *porcaria* que nos faz próximo da natureza na sua suposta baixaza, nos faz reconhecer intimidade com as excreções, secreções, a decadência física, a morte.

O *refugo*, que nos faz dispensar o inútil, o ridículo, o insignificante. Tão pouco que não merece atenção por parte de nosso espírito, por hábito tão distante da matéria, da natureza. A produção industrial, uma vez atingida a dimensão dita de escala, seu processo tecnológico (cego, já que desconhece os sujeitos a quem ele se dirige), por vezes, é visto como origem de tudo isso, mas também visto como fonte de soluções mágicas. Gostaríamos de pensar numa *clínica da carência* (como orientação de nosso trabalho) como ocasião de reconhecer criatividade e invenção, por exemplo, na construção de um barraco.

Território de Estamira, temporalidade de Estamira

Estamira é portadora de sofrimento mental. Psicótica, ela foi atendida pelo serviço de saúde mental. Medicada, ela está sob efeito de psicofármacos. Mas isso não diz tudo. Todos esses procedimentos não esgotam a questão suscitada por Estamira. Há algo mais. Estamira faz sua trajetória, ela inventa seu território e, por onde passa, com ela leva seu sofrimento mental, que dura. Ele tem uma duração, a duração da vida, mas não é crônico.

A vida passa, mesmo que seja em tempo lento (como é o tempo dos pobres). Senão, vejamos. Ela não permaneceu internada por longo período, nem em hospital,

nem em unidade de substituição (lar abrigado ou moradia terapêutica). Ela foi atendida num momento de urgência, é bem verdade, mas ela não cumpriu a tríade "urgência - emergência - ambulatório". Foi outra a temporalidade que ela estabeleceu.

O termo território serve para situar por onde andou Estamira. No seu caso, o território é físico, sociocomunitário (laços, família, companheiros no lixão), território discursivo (delírio de fundo religioso). Tudo isso formava o seu cotidiano. Vamos chegar a uma Clínica para Estamira.

Por uma clínica da carência a distinguir de miséria, crime

Seria possível uma clínica da carência, da precariedade (inventiva e criativa de *novos usos*) em contrapartida à posição de vítima ou miserabilidade?

Para tanto, tratar-se-ia de fazer surgir significação de fragmentos resultantes de destruição da experiência. Em que podem nos interessar esses fragmentos?

Aqui não há cadeia, mas conexão entre os elementos ou fragmentos. Em vez de identidade, de grandes oposições, de ideais, trabalhamos com a mínima diferença; a identidade tem sido fonte e origem de discriminação, segregação, precisamente a partir de critérios trazidos pela técnica em seu estágio atual.

O sujeito perdido na grande cidade poderá sempre ser confrontado à *resposta* que o constituiu como sujeito. Ele já deu a *resposta* quando nós o atendemos. Nesse item, encontramos o tema da responsabilidade, mas agora liberado da sua carga moral, do seu feitiço jurídico.

5 - O ACS (Agente Comunitário de Saúde) personagem crucial para abordar a carência, sua patologia

A grande novidade trazida pelo PSF está personificada pelos ACS. Pagos como terceirizados, por conseguinte, não plenamente reconhecidos, como convém aos que são admitidos sem que o sistema *saiba*, sem que o sistema queira se dar conta. O sistema (já por força do avanço tecnológico que envolve a medicina) só forma especialistas (estudos atuais). A querela generalista X especialista (apoio) passa a ser menos importante quando o personagem ACS a resolve indo além do impasse.

Sua criatividade advém sem que nenhuma ciência seja avisada. Ele não é técnico, nem tem diploma, ele é agente. O ACS, sem nenhuma dificuldade, pratica a abordagem pela subjetividade (mistura de Social e Psicológico).

O aviso de praxe quando há visita domiciliar não é constrangimento para o ACS. Ele é uma espécie de informante, visitador Vicentino, (novo) psi da Clínica da Carência, ponte entre o sistema e o povo.

ACS: por quanto tempo? Logo ele poderá ser recuperado, lotado em algum organograma (diploma, concurso, enquadramento). Mas, no momento atual, sua originalidade é assegurada pela improvisação que cerca seu estatuto. Não possuindo diploma (curso superior), ele pode ser visto como alguém sem condições de assimilar a informação, transmitindo-a de maneira defeituosa (depoimento de aluna na Universidade). Minha observação vai em sentido contrário.

6 - Qual a lógica que sustenta o *irregular*?

Terá que ser uma lógica não predicativa. Onde encontrar uma lógica não predicativa em uso? No conto de Guimarães Rosa, "Meu tio Iauaretê ou O caçador que virou onça" (4); no perspectivismo ameríndio, quando situações do tipo "bicho é gente" foram contribuições importantes para nossa elaboração (3). O emprego do verbo *virar* nas frases dá uma idéia de que o princípio de Identidade (Lógica Predicativa) foi abalado. Cada modo de *identificação* autoriza configurações singulares (Lógica das Transformações), ao redistribuir os seres existentes em coletivos com fronteiras bem diferentes, se temos em mente as fronteiras conhecidas por nossas ciências humanas (Lógica da Predicação).

Por tudo isso, chamaria minha proposta de **Clínica da Carência**, em que encontrei demonstração de grande criatividade por parte deste público a quem dedico este trabalho. As figuras aqui trazidas 1) Estamira, 2) o catador de lixo, 3) o jovem infrator (grafiteiro-pichador), 4) o construtor de barraco, 5) o agente comunitário de saúde, são eles que apontam para o alcance desastroso dos significantes identificatórios reforçados por uma lógica predicativa, assim como essas mesmas figuras fazem prova da criatividade que se instala, uma vez que esses significantes já não contam para nada.

Notas:

(1) Agradeço especialmente aos professores José Cabral Filho (Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais) e Roberto Eustáquio dos Santos (Projeto Espaços Urbanos Seguros/Prevenção do Crime através do Desenho Ambiental assessorado por Associação Arquitetos sem Fronteiras e Escritório de Integração - DAU/PUC Minas Gerais).

Referências bibliográficas:

1. Hulak, Fabienne (Sous la direction de) - La mesure des irréguliers. Symptôme et création. Z´éditons, 1990, Nice (França).
2. Agamben, Giorgio - Profanations. Bibliothèques Rivages, 2005, Paris.
3. Viveiros de Castro, Eduardo - A inconstância da alma selvagem. Cosac & Naify, 2002, São Paulo.
4. Rosa, João Guimarães - Meu tio Iauaretê no livro Primeiras Histórias. Edição Nova Fronteira, 1985, Rio de Janeiro.
5. Dagognet, François - Des détritits, des déchets de l´abject. Edition Institut Syntelabo, Le Plessis Robinson (França), 1997.
6. Beaune Jean-Claude - Le déchet, le rebut, le rien - Cham Vallon, Seissel (França) 1999.